

SOBRE A (IN)VISIBILIDADE DO TRADUTOR NA TRADUÇÃO: ALGUMAS REFERÊNCIAS TEÓRICAS E OPINIÕES DE TRADUTORES LITERÁRIOS.

Narceli Piucco *

RESUMO: *Este artigo busca retomar as teorias de escritores e tradutores renascentistas e clássicos acerca da tradução e do tradutor nesse processo, assim como relacionar alguns textos de teóricos da tradução contemporâneos, Vénuti e Berman, por exemplo, no que diz respeito à visibilidade/apagamento do tradutor na tradução. Para ilustrar as opiniões de tradutores sobre questões referentes à tradução e discutir sobre a questão da visibilidade, utilizaram-se as respostas dos tradutores ao questionário aplicado para a elaboração dos verbetes do Dicionário de tradutores literários no Brasil.*

PALAVRAS-CHAVE: *Teorias da tradução, (In)visibilidade do tradutor, Perfil de tradutores literários.*

ABSTRACT: *This article intend to retake the translators and writer's theories of Renaissance and Classicism about translation and translator in that process, as well as relating some texts of theoreticians of the translation contemporaries such as Vénuti and Berman, in what it concerns the translator's (in)visibility in the translation. To illustrate the translator's opinions on referring subjects to the translation and to discuss on the subject of the visibility, the answers were used from the translators to the applied questionnaire for the elaboration of the entries of the Dicionário de tradutores literários no Brasil.*

KEYWORDS: *Translation's Theories, The Translator's (In)visibility, Literary Translator's Profile.*

Dentre os muitos temas debatidos pelos teóricos da tradução, a (in)visibilidade do tradutor na tradução ocupou espaço importante nas discussões, tanto teóricas quanto práticas. A retomada histórica de algumas premissas teóricas permite observar de que maneira o pensamento sobre a tradução evoluiu e se transformou, interligando as reflexões feitas acerca do tradutor e do texto traduzido.

Na época renascentista, tradutores, poetas, escritores, escreveram textos teóricos que dissertam sobre as melhores formas de traduzir. Étienne Dolet, um dos mártires dessa época, em seu texto teórico do Renascimento francês *La manière de bien traduire d'une langue en autre* (1540), demonstra a importância em conhecer a obra e o autor traduzidos, bem como as línguas envolvidas do processo de tradução. Além desses dois preceitos, o autor enumera outros três, sendo o terceiro a tradução palavra por palavra a qual ele condena, afirmando que o bom tradutor “deter-se-á

* Aluna do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (Mestrado Letras-Francês), Universidade Federal de Santa Catarina.

nas sentenças sem considerar a ordem das palavras [...]” (In: FURLAN, 2006, p. 201). Juan Luis Vives, escritor humanista espanhol, coloca a tradução como um exercício de escritura de mesmo nível que a literatura e dá destaque a reprodução da *oratio*, o discurso, a linguagem. Assim como Dolet, Vives critica o tradutor que não segue os preceitos teóricos para bem traduzir. Nessa época, percebe-se que a ênfase é dada ao texto, ao conteúdo, as línguas e ao leitor, sendo que o tradutor não tem até então um lugar de destaque na tradução, pois não se pregava o estudo sistemático do tradutor.

No século XVIII, autores franceses como Batteux e d’Alembert já se referiam ao tradutor, ao estilo do autor na tradução e aos problemas da tradução literal e a intraduzibilidade. O tradutor, segundo Batteux, não é mestre de nada: é obrigado a curvar-se a todas as variações de seu autor. D’Alembert menciona que o tradutor não deve deixar-se subjugar, também não deve tudo se permitir. Ele ainda menciona que o trabalho do tradutor é ingrato e o número de bons tradutores é tão pequeno, limitando-se a serem “copistas mais do que rivais dos autores que traduzem [...]” (In: TORRES, 2004, p.75). O autor questiona a timidez que os tradutores se impõem, quando deveriam usar a coragem e se arriscarem a usar “licenças com sobriedades”, quando a dificuldade de traduzir provenha do “espírito das línguas”.

No século XIX, os escritores e tradutores refletiram mais sobre a tradução, na Itália, França e Alemanha. Conforme Guerini (2005), o escritor italiano Leopardi dedicou mais de 100 páginas à tradução no seu *Zibaldone di Pensieri*, manifestando a preocupação com a estética do texto traduzido e a conservação dos elementos do texto de partida e chegada e criticando as traduções *belles infidèles* francesas. Ele menciona que “[...] o tradutor necessariamente simula, isto é, esforça-se por exprimir o caráter e o estilo do outro, e repete o dito do outro a maneira e gosto deste.” (In: GUERINI, 2005, p. 163). Já os franceses nunca “simulam” nas traduções, ou seja, traduzem tudo a sua maneira.

No Romanstimo alemão, Friedrich Schleiermacher em seu ensaio *Sobre os diferentes métodos de tradução*, afirma ser “impossível que a linguagem do tradutor possa ter a mesma estrutura da de seu autor o tempo todo”. (In: HEIDERMAN, 2001, p. 53). Segundo ele, o tradutor estabelece uma mediação entre o autor do texto original e o leitor da tradução. Assim sendo, ou o tradutor move o leitor tanto quanto possível até o autor, ou move o autor até ao leitor. No primeiro caso, a atividade de traduzir tem em vista a restituição do específico no seu máximo estranhamento possível. No segundo caso, ela tem em vista a anulação do estranho, a nacionalização do estrangeiro.

Considera-se ultrapassada a visão de que a tradução é uma atividade mecânica, cabendo ao tradutor transportar significados supostamente estáveis do texto de partida para o de chegada, tornando-se possível a

neutralidade do mesmo na tradução fluente de textos literários e o aparecimento da voz do autor do original. Dessa forma, neste artigo, buscase expor algumas colocações teóricas e opiniões de tradutores que possam ilustrar alguns pontos pertinentes da discussão sobre a visibilidade do tradutor no texto traduzido.

Uma das formas de visibilidade do tradutor se baseia na premissa de que o escritor não é o autor soberano do texto que escreve, pois cada leitor/tradutor faz uma leitura, uma interpretação, fruto de suas inter-relações com outros textos, o que contraria a idéia de que o processo tradutório seria uma substituição ou transferência ingênua de significados estáveis de um texto para outro e de uma língua para outra. Ou seja, nunca se sabe de fato o que realmente o autor quis dizer com sua mensagem, visto que ela é inerente somente a ele mesmo, sendo a tradução uma “produção ativa de um texto que se assemelha ao original, mas que mesmo assim o transforma e que sofre intervenção ativa do tradutor.” (VENUTI, 1995, p.112.).

Outros teóricos se referem à questão da intervenção do tradutor na tradução, por exemplo, Arrojo quando afirma que é impossível o tradutor não deixar suas marcas e não se fazer presente mesmo quando pensa estar ou pretende ser invisível, pois “o tradutor, implícita ou explicitamente, impõe ao texto que traduz os significados inevitavelmente forjados a partir de seus próprios interesses e circunstâncias”. (1993, p.81). Ela continua, dizendo que qualquer tradução, por mais simples e despretensiosa que seja, traz consigo as marcas de sua realização: o tempo, a história, as circunstâncias, os objetivos e a perspectiva de seu realizador. Qualquer tradução denuncia sua origem numa interpretação, ainda que seu realizador não a assuma como tal. Nenhuma tradução será, portanto, neutra ou literal; será, sempre e de qualquer forma, uma leitura.

Aubert, em *As (In)fideliades da Tradução* (1993), também faz uma discussão em torno do “desvio” do texto original e do apagamento do tradutor. Ele conceitua a tradução como uma segunda relação comunicativa, que se substitui à primeira ou que, de alguma forma, a complementa e que é motivada por uma ou mais necessidades em que venha a ocorrer um bloqueio parcial ou total na relação comunicativa.

Venuti (2002) coloca a culpa na fluência cobrada pelos críticos, autores e leitores, a causa da invisibilidade do tradutor. Para ele, a fluência gera um efeito de transparência o qual faz pressupor que o texto traduzido representa a personalidade do autor e o sentido do texto estrangeiro, provocando a invisibilidade do tradutor, que se “aniqula” em favor da fluência. Partindo deste pressuposto, Venuti (1995), propõe uma prática tradutória que resista à fluência, a visibilidade intencional, afirmando:

A tradução deve ser vista como um *tertium datum* que “soe estrangeiro” ao leitor e que apresente uma opacidade que o impeça de parecer uma janela transparente aberta para o autor ou para o texto original: é essa opacidade - um uso da linguagem que resiste à leitura fácil de acordo com os padrões contemporâneos - que tornará visível a intervenção do tradutor, seu confronto com a natureza alienígena de um texto estrangeiro. (p.118)

Venuti afirma que quanto mais “bem-sucedida” a tradução, maior a invisibilidade do tradutor e maior visibilidade do autor. Tal atitude resulta no apagamento do trabalho do tradutor, pois a descoberta dele no texto é indesejável. O que Venuti propõe é que os tradutores devem se opor a essa idéia de invisibilidade que está relacionada ao baixo status atribuído ao trabalho do tradutor o qual acaba sendo pouco reconhecido, lutando pela visibilidade social da atividade tradutória. Para tanto, ele propõe que os tradutores passem a operar uma escrita de resistência em lugar da escrita de assimilação que põe em funcionamento a estratégia da fluência.

Tal situação demanda uma urgente “desmistificação” da tradução. Então, com o intuito de contribuir para essa desmistificação, Venuti desenvolve a idéia de que a “tradução é uma produção ativa de um texto que se assemelha ao texto original, mas que mesmo assim transforma” e de que “o processo produtivo da tradução poderá tornar-se visível”. (1995, p.13). Assim, ele objetiva descrever a prática da tradução, inserindo o texto traduzido no contexto social em que foi desenvolvido.

Em seu livro *Escândalos da tradução*, (2002), Venuti classifica os escândalos em culturais, econômicos e políticos. Segundo ele, as traduções

[...] em outras palavras, inevitavelmente realizam um trabalho de domesticação. Aquelas mais poderosas em recriar valores culturais e as mais responsáveis para responder por tal poder, geralmente engajam leitores graças às palavras domésticas que foram de certo modo desfamiliarizadas e se tornaram fascinantes devido a um embate revisório com o texto estrangeiro. (p.18)

No capítulo *Esquisse d'une méthode*, Berman tenta traçar uma arquitetura para uma análise das traduções. É preciso que a leitura do original seja feita apoiada em leituras colaterais e leituras de outros textos que apóiam a tradução, como prefácios, notas e glossários. Partindo em seguida da pré-análise e das leituras, começa o trabalho de “seleção de exemplos estilísticos” para a futura confrontação. A posição tradutiva é “o que o tradutor se impõe em vista da tradução” (1995) e ela pode se manifestar em representações que nem sempre exprimem a verdadeira posição do tradutor considerando a sua subjetividade.

Berman afirma que toda tradução é conduzida por um projeto ou

finalidade articulada que são determinados pela posição tradutiva e pelas exigências da obra. Entretanto, as formas dos projetos são múltiplas, assim como os textos que vão apoiar os textos traduzidos. Diante do crítico se forma um círculo o qual ele deve percorrer para verificar se projeto e tradução são coerentes, levando em conta as escolhas subjetivas do tradutor.

O horizonte do tradutor diz respeito ao “conjunto de parâmetros lingüísticos, literários, culturais e históricos que determinam o sentir, o agir e o pensar de um tradutor.” (1995) A análise de uma tradução tem como objetivo conduzir o leitor a um movimento de abertura ao texto traduzido e para isso ela deve ser transparente. Para realizar a crítica positiva a qual Berman expõe no capítulo *Esquisse d'une méthode*, é preciso observar um duplo critério de avaliação: de ordem ética e poética. Poética, se o tradutor realizou de fato um “trabalho textual” que corresponde com a textualidade do original. Ética, no respeito ao original que estabelece um “diálogo” com o original.

No livro *L'auberge du lointain* ele dedica um capítulo sobre a ética da tradução. Ele cita os textos técnicos e literários na questão de uma metodologia para a tradução, que só é possível se a tradução fosse simplesmente um processo de comunicação. O texto técnico transmite uma quantidade unívoca de informações, mas uma obra abre à experiência do mundo e não transmite uma certa comunicação. Assim, o quando tradutor tem como objetivo de tradução a comunicação, a introdução da mensagem ele faz concessão ao público, o seu horizonte de tradução é o público. Isso acarretaria em facilitar o acesso à obra e a manipular a obra. Então o tradutor estaria traindo o original e também o público, já que ele apresenta uma obra arranjada, desfigurada. É preciso uma “*éducation à l'étrangeté*”. Ele retoma os questionamentos de Benjamin sobre a recepção da tradução, como uma obra de arte, pois para ele a obra não comunica e toda tradução que pretende comunicar visando o leitor será uma “*transmission inexacte d'un contenu inessentiel*”²² (BENJAMIN, apud BERMAN 1999, p.73).

Venuti (2002) discute a ética da tradução estrangeirizadora que não impede a assimilação do texto estrangeiro, mas objetiva ressaltar a existência autônoma daquele texto por trás (no entanto, por meio) do processo assimilativo da tradução.

Perante todo o paradoxo entre teoria e prática, é pertinente o comentário Boris Schnaiderman (2005) de que todo tradutor que escreve com inteligência e conhecimento de causa sobre o seu trabalho acaba trazendo uma contribuição teórica; sobre a afirmação de Rosa Freire de Aguiar em seu livro *Memórias de tradutora*: “Sou uma prática e não uma teórica da tradução.”

Para ilustrar um pouco as opiniões de tradutores sobre as questões

22 [...] transmissão inexacta de um conteúdo inessencial. (Tradução minha)

referentes à tradução, com a visibilidade e a ética da tradução, apresentadas por meio das teorias de Berman e Venuti, serão utilizadas as respostas dos tradutores ao questionário aplicado *para a elaboração dos verbetes do* Dicionário de tradutores literários no Brasil .

Organizado pelo Grupo de Pesquisa Literatura Traduzida, formado por professores e alunos da UFSC, esse dicionário on-line tem como principal objetivo fazer um levantamento dos tradutores literários no Brasil e traçar o seu perfil biobibliográfico. A partir dos dados do *Index Translationum* (<http://www.unesco.org/culture/xtrans/>), publicação da Unesco (www.unesco.org) que compila as traduções feitas no mundo e que constitui o mais amplo e respeitado repertório sobre o assunto, e de pesquisas bibliográficas em bibliotecas e em sites, estabeleceram-se alguns critérios para a escolha dos tradutores como os mais representativos, entre eles os tradutores-escritores, os tradutores que traduziram obras relevantes do ponto de vista estético ou histórico e também os tradutores que traduziram um grande número de obras. Vários instrumentos foram utilizados para se chegar às informações dos verbetes, por exemplo, a plataforma *Lattes*, do CNPq, e os sites da Associação Brasileira de Tradutores, do Sindicato dos Tradutores, da Câmara Brasileira do Livro, do projeto Releituras e também as listas e páginas pessoais de tradutores. Além disso, foram consultadas edições eletrônicas de jornais e revistas que incluem artigos, resenhas e entrevistas. Outra fonte interessante de pesquisa foi a leitura dos chamados paratextos, presentes nas traduções: prefácios, posfácios e notas do tradutor.

Sempre quando possível foi feito contato com o tradutor, via endereço eletrônico, correio ou telefone, para obter informações específicas sobre sua bibliografia, biografia e também sobre suas concepções sobre a tradução, entre outras informações. Incorporando as teorias dos autores A. Berman e A. Pym, elaborou-se um questionário, juntamente com os bolsistas do Grupo de Pesquisa em Literatura Traduzida, responsáveis pela pesquisa em literatura traduzida do alemão, do espanhol, do italiano e do latim. As questões propostas pelo questionário visam à metodologia utilizada pelo tradutor, a sua concepção sobre a tradução e a sua trajetória de vida, no que concerne à respectiva atividade tradutória.

Outra característica importante do verbete foi a inclusão de excertos de textos traduzidos, de forma que o leitor pode ter um contato direto, ainda que limitado, com uma amostra do trabalho do tradutor.

Por ser a tradução uma atividade prática, os problemas referentes a ela não são examinados, como por exemplo, a questão da invisibilidade do tradutor, a qual está relacionada com o leitor das traduções e com os critérios segundo os quais elas são produzidas e avaliadas. Partindo dessa afirmação, busca-se verificar nas respostas de 26 (vinte e seis) tradutores ao questionário utilizado para a elaboração dos verbetes (ver no final do

artigo), alguns aspectos sobre a visibilidade do tradutor nas seguintes questões:

1- Você escolhe as obras que traduz? Quais são os critérios que você usa para escolhê-las?

2- Você escreve sobre sua prática de tradução (paratextos) e sobre a tradução em geral?

3- Você escreve artigos ou outros trabalhos sobre as obras que traduziu?

Para verificação das respostas, demonstra-se de forma quantitativa segundo as opções: 1- Sim, na maioria das vezes. 2- Não. 3- Nem sempre, algumas vezes.

No que se refere à questão 1 de escolha das obras, está implícita a relação tradutor e editora. Dentre os 26 (vinte e seis) tradutores selecionados para esta amostra, a maioria respondeu que não ou nem sempre escolhe as obras a traduzir, pelo fator da parceria que têm com as editoras. No entanto, alguns tradutores de teatro e de poesia afirmaram escolher as obras de acordo com a área de interesse, ou o gosto por certos autores, ou ainda de acordo com a importância de algumas delas. Uma constante observada na pergunta complementar sobre a relação com as editoras foi de que o tradutor, em geral, tem liberdade para trabalhar, mas os editores são exigentes quanto ao prazo de entrega do trabalho.

Na questão sobre a escrita da prática de tradução, foram raros os tradutores que afirmaram escrever algo sobre seu trabalho tradutório, seja em paratextos (prefácios, posfácios), revistas, jornais, entre outros. A maioria não argumentou nada a respeito, apenas alguns afirmaram escrever algumas vezes, mas não de forma constante, sobre as traduções literárias da sua área de interesse.

Para traçar um quadro demonstrativo sobre o paradoxo teoria e prática de tradução, verificam-se as respostas dos tradutores a questão que evoca uso de teorias de traduções para realizarem o trabalho: 20 (vinte) dos 26 (vinte e seis) tradutores não se apóiam em nenhuma teoria específica. Alguns manifestaram desinteresse pelas teorias. Apenas 03 (três) mencionaram apoiar-se em teóricos como Haroldo de Campos e Paulo Rónai. Alguns outros afirmaram ler a respeito das teorias, mas não que as utilizam para fazerem suas traduções.

No que concerne essa questão, Berman assinala que a tradutologia deve desenvolver seu discurso sobre a tradução sem pretender reger a “prática” da tradução e sim estabelecer uma “autonomia recíproca”.

Outra questão analisada foi a número 13 do questionário: Na sua opinião, o que é necessário para ser um bom tradutor? As respostas à questão mostram que a prática de tradução está sempre implícita nos fatores considerados relevantes pelos tradutores. Abaixo seguem os principais desses fatores que se repetiram ao longo das respostas:

- 1) Conhecimento da língua da qual se traduz.
- 2) Domínio e exercício contínuo da “língua de chegada”, considerado por alguns como mais importante do que dominar a língua da qual se traduz.
- 3) Conhecimento da obra e do autor a ser traduzido.
- 4) Bons e atualizados dicionários e acesso a outras referências e meios de pesquisa.

Alguns outros:

- Um bom prazo para traduzir e revisar a tradução (um item raramente seguido pelas editoras).
- Ter cultura geral, curiosidade intelectual e certa dose de ousadia, caso contrário não consegue afastar-se da língua de partida.
- Ter noções teóricas sobre os problemas de tradução também ajudam e, claro, noções de linguística.
- Procurar manter o equilíbrio entre a literalidade e a fluência literária,

Ou seja, a tradução está condicionada à personalidade do tradutor, pois ele faz uso das suas habilidades lingüísticas, psicológicas e criativas para a realização da mesma. O processo tradutório compreende a figura central do tradutor que é visto como “[...] um sujeito inserido num certo contexto cultural, ideológico, político e psicológico.” (BOHUNOVSKY, 2001). Isto é, cada tradutor tem uma experiência de vida e conseqüentemente, uma visão de mundo, um conjunto de valores e ideologias que influenciará inevitavelmente os resultados das suas traduções.

Estabelecendo o perfil dos tradutores não é apenas reunir seus dados biográficos, conseqüentemente é estabelecer uma relação de obras traduzidas, ou seja, um banco de dados atualizado, que diz respeito também à “luta pela visibilidade”.

Sob o olhar de Anthony Pym (1998), *Method in translation History*, os tradutores estão relacionados com a história da tradução. Pym diferencia o tradutor, sujeito implícito dentro de um discurso, dos tradutores, modificadores da história. O tradutor, na condição de profissional anônimo, não tem um poder ativo de transformação. O que deve ser considerado a fim de romper com o anonimato abstrato é que esse tradutor tem um corpo material, uma unidade biológica móvel, um corpo que pode *mover-*

se de uma cultura para outra. Esses aspectos são definidos por Pym como pertinentes e que podem ajudar na história da tradução. Partindo da concepção de que cada tradutor tem um “corpo” ele pode fazer mais do que traduzir. Até que ponto os detalhes da vida pessoal podem ser importantes para a tradução: Pym afirma que somente no aspecto em que eles manifestem corretamente os desejos translacionais, pois existem as causas individuais que são influenciadas pelas causas sociais.

No entanto, segundo Pym, a posição tradutiva pode ser reconstituída implicitamente a partir da tradução em si. Mas a importância em manifestar também essa posição tradutiva está no fato de tornar o tradutor mais aparente em seu trabalho e tem o intuito de divulgar traduções que possam desvelar ao leitor o processo do qual ele também faz parte.

O condicionamento da editoração, a falta de tempo, a remuneração insatisfatória, a noção de fluência que prevalece na recepção das obras, resultam neste apagamento. Mencionam-se as diferentes formas de invisibilidade. Nas discussões teóricas, predomina a invisibilidade textual, a questão da inevitável invisibilidade ou das tentativas de apagamento com as traduções fluentes. Mas não se pode esquecer que esse apagamento é consequência do baixo status do trabalho do tradutor. Ou seja, invisibilidade, textual, profissional e econômica.

De acordo com Rosemary Arrojo (1996), ao abrirem mão de uma suposta transparência e ao virarem do avesso as noções de originalidade e fidelidade, esse tradutor e essa tradutora pós-modernos passam a assumir a responsabilidade autoral de suas interferências e começam a lutar pela conquista de um espaço profissional mais digno e mais satisfatório. Ela aponta a necessidade urgente de se conscientizar tradutores acerca da responsabilidade autoral que assumem ao aceitarem realizar até mesmo a mais simples das traduções.

Se o tradutor não fosse responsável, se ele não tivesse que aceitar a responsabilidade por nenhuma de suas escolhas, não haveria nenhum problema de ordem ética e logo nenhuma demanda de princípios suscetíveis de guiar a sua prática. (PYM, 1997, p.67).

Tal reconhecimento libertará a tradução do complexo de inferioridade e do desejo compulsivo de pedir desculpas pelos “remendos” feitos por ela. A partir daí, a tradução perde também a sua inocência e passa a ser feita de forma mais consciente das intervenções realizadas nos textos traduzidos. Assim, conforme Arrojo,

[...] traduzir deixa de ser uma atividade inútil ou invisível, que deve passar despercebida, e se assume como uma inevitável forma de conquista ou de tomada de poder, que necessariamente reescreve o passado e se apropria de outras culturas e linguagens. (1992, p. 437.).

Ao fazer a retomada das teorias renascentistas, clássicas e românticas, percebe-se o quanto elas têm em comum com as teorias atuais de Berman e Venuti. De certa forma, ambas expressam o direcionamento que devem seguir os tradutores comprometidos com sua profissão, fator observado nas respostas dos tradutores ao questionário. No entanto, esses direcionamentos só terão sentido quando os tradutores se libertarem da idéia da possibilidade de significados estáveis e começarem a se conscientizar de que o tempo e as circunstâncias influenciam na leitura, de que as teorias podem apoiar seu trabalho e acrescentar a sua prática e enfim, de que seu trabalho deve ser percebido.

REFERÊNCIAS

ARROJO, Rosemary. *Os Estudos da Tradução na Pós-Modernidade, o reconhecimento da diferença e a perda da inocência*. Cadernos de Tradução, UFSC, 1996, n.1, p.53-70.

_____. *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. Biblioteca Pierre Menard. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

AUBERT, Francis. *As (In)fideliades da tradução*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1993, p. 7-28.

BATTEUX, Charles. *Princípios da literatura*. Tradução de Orlando Nunes de Amorim e Silvana V. da Silva Amorim. In: TORRES, Marie Hélène C. (Org.). *Clássicos da Teoria da Tradução*. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, v. 2, 2004. p. 90-109. Antologia Bilíngüe: Francês-Português.

BERMAN, Antoine. *Esquisse d'une méthode*. In: *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995. p. 64-97.

_____. *La traduction de la lettre ou l'auberge du lointain*. Paris : Éditions du Seuil, 1999.

BOHUNOVSKY, Ruth. *A (im)possibilidade da "invisibilidade" do tradutor e da sua "fidelidade": por um diálogo entre a teoria e a prática de tradução*. In: *Cadernos de Tradução*. Florianópolis: NUT, 2001, v. 2, n. 8, p. 51-62.

D'ALEMBERT, Jean le Rond. *Observações sobre a arte de traduzir em geral e sobre este ensaio de tradução em particular*. Tradução de Lea Mara V. Staut. In: TORRES, Marie Hélène C. (Org.). *Clássicos da Teoria da Tradução*. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, v. 2, 2004. p. 62-87. Antologia Bilíngüe.

DICIONÁRIO DE TRADUTORES LITERÁRIOS. Disp. em www.didionariodetradutoresliterarios.ufsc.br

DOLET, Étienne. *Como traduzir bem de uma língua a outra*. Tradução de Nícia Adan Bonatti e Marc Goldstein. In: FURLAN, Mauri. (Org.). *Clássicos da Teoria da Tradução*. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, v.4, 2006. p. 198-205. Antologia Bilíngüe.

LEOPARDI, Giacomo. *Trechos do Zibaldone di Pensieri sobre tradução*. Tradução de Andréia

Guerini. In: GUERINI, Andréia (Org.) *Clássicos da Teoria da Tradução*. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, v. 3, 2005. p. 158-169. Antologia Bilíngüe: Italiano-Português.

PYM, Anthony. *Method in translation History*. Manchester: St. Jeronome, 1998.

_____. *Pour une éthique du traducteur*. Ottawa: Artois Presses Université, 1997.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Sobre os diferentes métodos de Tradução*. Tradução de Margarete von Mühlen Poll. In: HEIDERMANN, Werner. (Org.) *Clássicos da Teoria da Tradução*. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, v.1, 2001. 218 p. Antologia Bilíngüe: Alemão-Português.

SCHNAIDERMAN, Boris. *Paradoxos da profissão impossível*. Memória de Tradutora, de Rosa Freire d'Aguiar, reafirma bases que norteiam este complexo compromisso literário. Domingo, 16 de Outubro de 2005. Especial para o jornal o Estado.

VENUTI, Lawrence. *A invisibilidade do tradutor*. In: Palavra 3. (1995) 111-134. Tradução de Carolina Alfaro. Rio de Janeiro, 1995. Tradução de: The translator invisibility: In: Criticism. VXXXVIII, n.2, Spring 1986, Wayne state UP, pp. 179-212.

_____. *Escândalos da Tradução*. São Paulo: EDUSC, 2002.

VIVES, Juan Luis. *Versões ou traduções*. Tradução de Mauri Furlan. In: FURLAN, Mauri. (Org.) *Clássicos da Teoria da Tradução*. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, v.4, 2006. p. 120-131. Antologia Bilíngüe.